

Por Thais Santi

# Setor de celulose e papel vive momento de ajustes diante do desaquecimento da economia mundial

A China se encontra em uma situação um tanto delicada, pois vive um momento de transição de modelo de desenvolvimento econômico, com sua moeda ganhando mais volatilidade

O discurso sobre os agentes responsáveis pelo crescimento econômico mudou – e mudou em tempo recorde! Parece ontem que quase todos diziam que as economias emergentes iriam trazer um futuro crescimento espetacular aos investidores, enquanto os países desenvolvidos, por seus mercados maduros, não teriam condições de oferecer retornos de crescimento.

Atualmente são as economias desenvolvidas a liderar o crescimento global, conforme dados sobre o cenário macroeconômico mundial, apresentados durante a 10.<sup>a</sup> Conferência Latino-Americana da RISI, realizada em São Paulo (SP) no final de agosto deste ano. No evento, Walter Schalka, executivo da Suzano, recebeu uma homenagem por ter sido eleito CEO do ano. A Conferência também contou com o tradicional Painel de CEOs, que debateram sobre temas do mercado.

O fato marcante sobre o cenário atual da economia, independentemente da disputa pelo crescimento entre países desenvolvidos ou emergentes, porém, é a atual desaceleração econômica do mundo – mais para alguns países e menos para outros. Neste ano, por exemplo, os Estados Unidos deverão apresentar crescimento de 2,6% no Produto Interno Bruto (PIB), seguidos pela União Europeia, que, apesar dos altos e baixos, prevê alta de 1,5% em seu PIB. Enquanto isso, a China, cuja queda na bolsa de valores assustou o mercado mundial em agosto, desacelerou seu ritmo de crescimento econômico, mas mantém a expectativa de registrar um PIB positivo de 6,9%. A China se encontra em uma situação um tanto delicada, pois vive um momento de transição de modelo de desenvolvimento econômico, com sua moeda ganhando mais volatilidade. Ao mesmo tempo, trata-se do menor crescimento já registrado nos últimos 25 anos.

O que mais impressiona, entretanto, é o PIB da América Latina, drasticamente derrubado para uma “quase” estagnação de 0,6%. “O cenário mostra que já passou o *boom* verificado para as *commodities*. Isso, associado a baixos investimentos e consumidores mais que endividados, resultou em inflação, principalmente para as economias do Brasil e da Argentina. Em uma década, pela primeira vez o consumo tem índices negativos. Os investimentos têm de ser retomados, pois o custo da moeda está fraco”, destaca David Katsnelson, diretor do Serviço de Macroeconomia da RISI, sobre os mercados mais afetados neste ano.

O mesmo cenário desanimador pode ser observado no Chile, embora com menor intensidade. Algumas economias na Europa, por sua vez, mantêm-se na contração, com riscos de deflação e desemprego ainda alto, especialmente na Grécia e na Rússia, algo que representa elevado risco para os negócios com o bloco.

Para Katsnelson, no entanto, os mercados emergentes não deverão sofrer uma grande crise – e sim uma desaceleração –, em virtude de a China ainda manter uma perspectiva de PIB positivo e ser o principal *driver* desse grupo.

A exceção entre as economias dos países em desenvolvimento fica por conta do México, aproveitando a retomada do crescimento norte-americano, que tem se dado por redução do desemprego, aumento da produção fabril e custos de energia mais baixos com o gás natural, de modo a, consequentemente, ter produtos com mais competitividade.

Esse cenário econômico de mercado global deverá refletir-se no desempenho do segmento de celulose, levando a ajustes de oferta e demanda. O *startup* de fábricas de celulose de grandes capacidades (entre as quais Suzano Imperatriz, Montes del Plata e Oji Natong) em 2014 implicou dois

fechamentos significativos: Old Town, nos Estados Unidos, e Ence, na Espanha.

Mais recentemente, o setor presenciou ainda o início das operações da fábrica da CMPC, no Rio Grande do Sul. “Toda essa movimentação não gerou impacto na absorção de nova capacidade do mercado, favorecido pela desvalorização do real no caso das fabricantes brasileiras”, destaca Kurt Schaefer, vice-presidente para Celulose da RISI.

Como fator exógeno, mas de grande relevância para o mercado, o fechamento inesperado em julho deste ano da fábrica de celulose da Asia Pacific Resources International (APRIL), afiliada à Asia Symbol (Shandong) Pulp & Paper, por conta da seca na cidade de Rizhao, em Shandong (China), levou as demais fabricantes de celulose a operar à capacidade de quase 95%, uma vez que a fábrica produzia 1,8 milhão de toneladas por ano. “Com essa parada, a empresa liberou 5% desse *share* no mercado mundial, elevando as importações da China de celulose de fibra curta”, explica o vice-presidente da RISI. Em 15 de agosto, a fábrica retomou as operações da linha de 1,5 milhão de toneladas, mantendo *offline* a outra máquina, com produção de 300 mil toneladas.

Os economistas da RISI mantêm a expectativa de alta no preço da fibra curta até meados de 2016, além de uma expansão modesta em comparação aos últimos anos, em vista de ajustes do próprio mercado. O projeto da APP em Sumatra, na Indonésia, vale como exemplo. Adiado, deverá iniciar somente no final de 2016 ou início de 2017. Serão 2,8 milhões de toneladas de celulose de acácia por ano. “Em um cenário em que os papéis para imprimir e escrever perdem força, a demanda na China será garantida por papéis tissue e papelcartão. A busca por qualidade também já se apresenta como tendência conforme aumenta o padrão de vida das pessoas na região”, pontua o vice-presidente da RISI.

Uma oscilação nesse mercado de celulose no curto prazo poderá ser sentida também por recentes medidas econômicas no modelo de desenvolvimento chinês, que se iniciou com a desvalorização do yuan em relação ao dólar de 3% a 4%, surpreendendo os mercados nos últimos dois meses. “Essa fraqueza desencadeou problemas em outros países em desenvolvimento. Como principal resultado, a celulose importada tornou-se mais cara do que a local, e a margem

Os economistas da RISI mantêm a expectativa de alta no preço da fibra curta até meados de 2016, além de uma expansão modesta em comparação aos últimos anos, em vista de ajustes do próprio mercado

## Walter Schalka: CEO do ano pela RISI

Eleito o CEO do ano pela RISI, Walter Schalka, da Suzano Papel e Celulose, foi homenageado durante o evento. A premiação é feita a partir de uma pesquisa realizada com um grupo de analistas de investimento e gestores de carteiras que acompanham a indústria de celulose/papel e avaliam critérios, como visão estratégica e liderança. Os destaques que contribuíram para sua nomeação, conforme a RISI, foram “a mudança de cultura organizacional promovida, com foco na redução de custos, a entrega da Unidade Imperatriz e a desalavancagem financeira”. “A Suzano transformou seu modelo de negócios visando à maximização do retorno dos seus ativos através da competitividade estrutural, do redesenho da indústria e de negócios adjacentes”, explicou ele sobre a estratégia adotada. Como novos negócios, a Suzano se destacou com o primeiro clone geneticamente modificado aprovado para fins comerciais, através da FuturaGene. Outra inovação que demonstra o perfil diversificador da empresa: a criação do EucaFluff, que usará a fibra curta para a produção de celulose fluff. Mais recentemente, a empresa anunciou o investimento da empresa na planta piloto de lignina, tornando-se um marco na substituição de químicos do petróleo por uma fonte renovável. O resultado dessas ações: crescimento de 149% nos últimos dois anos e meio e redução de seu endividamento.



DIVULGAÇÃO/SUZANO

operacional para os fabricantes de papel ficou ainda menor”, detalha Schaefer.

Ele lembra ainda que, neste setor, o impacto da medida depende da quantidade de celulose utilizada para se fazer uma tonelada de papel. No caso do papel tissue, utilizam-se 100%, enquanto os papéis revestidos não madeira requerem 50% ou mais. A indústria também tem sido favorecida pelo estado da arte das novas máquinas de papel, que exigem menos fibra longa na maior parte dos casos, abrindo mercado para a celulose de fibra curta.

“Em outras palavras, o crescimento sólido continuará nas importações de celulose”, enfatiza Schaefer. Isso pode, inclusive, ser confirmado pelo startup previsto de novas linhas de fibra curta no Brasil, adicionando até 2018 uma capacidade de 8 milhões de toneladas anuais. Ao mesmo tempo, a demanda mundial por papéis gráficos, embalagens, especialidades e tissue será de 1,7% no próximo ano, segundo a previsão da RISI.

Para a celulose de fibra longa, trata-se de um momento de mais ajustes, com o aumento de capacidade de algumas fábricas no próximo ano, quando o mercado receberá quase 1 milhão de toneladas entre celulose de fibra longa e fluff. “Os produtores devem ser mais cautelosos com as toneladas adicionais no mercado de fluff, pois a demanda cresceu menos de 250 mil toneladas em 2014, enquanto 750 mil toneladas terão de ser escoadas para o mercado de celulose de fibra longa”, destaca Schaefer.

Há também tendência de redução dos custos operacionais, e o fechamento de uma ou mais linhas de celulose fluff, possivelmente nos Estados Unidos, terá implicações no preço, aumentando a diferença entre a celulose de fibra curta e a de fibra longa ao final de 2016. Interessa para o Brasil também entender o potencial desse mercado na China, que se arrisca para abrir espaço na Ásia. Na análise de Bob Flynn, diretor de Investimentos Florestais da RISI, a possibilidade de o Brasil ter a Indonésia como concorrente direto em um futuro próximo não representa de fato uma ameaça para a celulose brasileira, mas uma competição um pouco mais acirrada.

A vantagem logística é o principal ponto favorável da Indonésia para comercialização com a China. O país

também figura como o segundo maior fornecedor de fibra curta para a região e tem vendas de cavacos de madeira 40% maiores. Além da região de Sumatra, outra área na Indonésia já apresenta grandes plantações. Bob lembra que, devido a problemas com a *Acácia mangium*, em várias florestas os plantios estão sendo substituídos por *Eucalyptus pellita*, o que deve manter alguns projetos sem operação por mais algum tempo.

Da celulose produzida na China, grande parte utiliza cavacos de madeira importados de outras regiões, mas incluem cerca de 12% a 15% de suas próprias plantações. O novo projeto da APP aumentará as exportações para a China e outros países da Ásia. Exceto pelo problema com as espécies utilizadas, Flynn sinaliza que já existe o fornecimento necessário para atender a essa fábrica.

### Papelcartão e tissue sustentam crescimento do mercado de papéis

Considerado estratégico para os *players* de celulose, o mercado observa as possibilidades da migração do uso de fibra reciclada para fibra virgem na indústria de papel. Para Ragavenvendran Thiagarajan, Associate Spend Pool Lead – Packaging da Beroe, empresa especializada em *procurement*, o período de curta rotatividade para a celulose de fibra curta é uma grande vantagem na América Latina, que pode saciar rapidamente a necessidade da Ásia com uma matéria-prima de excelente qualidade. O foco, nesse caso, é a expansão dos variados tipos de papelcartão e do segmento de papel tissue nos próximos dois anos.

Como fatores contrários, o executivo citou uma possível sobrecapacidade e impacto nos preços no longo prazo. No cenário de fibras recicladas, ele destaca a necessidade de melhorar as taxas de recuperação na China, no México e na Índia, para impulsionar e atender ao fornecimento no futuro. Os incentivos governamentais seriam um caminho para mais *players* investirem nessa indústria, tal como a necessidade de investimentos tecnológicos pelos fabricantes para melhorar a eficiência e a produtividade. “As taxas de recuperação, contudo, não poderão ser aumentadas nos Estados Unidos, no Japão e no Leste Europeu. Isso significa que, se o fornecimento diminuir e a demanda aumentar, os preços irão subir no longo prazo”, afirma Thiagarajan.

O mercado asiático de papéis tissue hoje soma 11,7 milhões de toneladas. Somente a China é responsável por uma fatia de 56%. Com crescimento de 6% a 7%, o país ainda se mantém bem quando comparado aos demais, embora seu crescimento nunca mais tenha ultrapassado a marca dos 10%, como observado em 2011.

Esko Uutela, diretor de Economia e especialista em Tissue da RISI, chama atenção para o consumo de papéis tissue, quase inexistente em algumas regiões da China, apresentando oportunidades para ampliação desse segmento. Xangai e Pequim, por sua vez, têm a maior concentração de consumo per capita. “Esse tipo de papel tem sido fortemente exportado pela China. De 2011 a 2014 o crescimento registrado foi de 20%. Ainda assim, o país apresenta sobrecapacidade, operando a taxas de 78%. Acreditamos que a queda continue neste ano, com projetos que poderão sofrer atraso, além da provável redução de capacidade até 2018”, prospecta Uutela.

Há um crescimento global no mercado de papéis tissue previsto para 3,6% ao ano (ainda assim abaixo dos 4% observados nos últimos anos), devendo acompanhar o crescimento da economia no mundo, com foco principalmente nos mercados emergentes. Só essa última responde por uma estimativa de crescimento no consumo de 39% entre 2013 e 2017. Já na América do Norte, o crescimento se manterá estável, bem como na Europa.

O cenário para o mercado de papéis gráficos vive o oposto e está em declínio no mundo inteiro – em especial o segmento de Uncoated Woodfree/Freesheet (UWF ou UFS), que enfrenta uma sobrecapacidade impulsionada pelo mercado asiático, mas ainda permanece como a variedade de maior lucratividade. Em breve haverá, entretanto, equilíbrio entre capacidade e demanda, com o anúncio de fechamentos na América do Norte e na Europa, bem como redução da expansão de capacidade na Ásia.

John Maine, vice-presidente de Papéis Gráficos da RISI, alerta para uma nova movimentação nos segmentos de papéis UFS, Uncoated Mechanical (UME) e Coated Woodfree/Freesheet (CWF ou CFS) nos Estados Unidos, que impuseram medidas *antidumping* em importações especialmente da Indonésia e também da China, do Brasil, da Austrália e de Portugal. Existe uma expectativa de recuperação para os próximos dois anos na demanda por papéis gráficos, mas prevê-se queda neste ano de 3% para papéis imprensa e UME.

A demanda global por papelcartão, por sua vez, alcançou 56 milhões em 2014, ante 53 milhões em 2012. O papelcartão é um dos segmentos de mais forte crescimento no mercado de papel”, disse Ken Waghorne, vice-presidente de Papéis para Embalagem da RISI. Desse total, a Ásia respondeu por 46% do consumo global de papelcartão em 2014 e, embora esteja enfraquecendo desde 2013, ainda

## PAINEL DE CEOs

Entre otimistas e pessimistas, os CEOs dos quatro principais *players* de celulose do Brasil avaliaram oportunidades e desafios do mercado durante os debates no Painel de CEOs da RISI. Como defendido em suas declarações anteriores, Walter Schalka, da Suzano, afirmou que a celulose brasileira ainda não está sendo remunerada como deveria. “A indústria de celulose não se beneficiou do superciclo das *commodities*”, respondeu ele à primeira questão do moderador do tradicional painel. Para Marcelo Castelli, da Fibria Celulose, ainda existe espaço para crescimento e transformação desse mercado, com possibilidade para aumento de preços no curto prazo, por conta do volume entregue nos últimos meses para a China e a recuperação dos demais mercados. “A recente curva de preços mostra que o setor vive uma nova dinâmica, com tendência para novos investimentos”, acrescentou.

Em um prazo mais longo, Schalka disse que não vê risco de alta nem de queda do preço da celulose. José Carlos Grubisich, da Eldorado Brasil Celulose, disse, por sua vez, que os estoques nunca estiveram tão baixos nos últimos 24 meses e

que os produtores estão organizando um calendário de investimentos para não sofrer interferências, apontando os projetos de expansão da indústria no Brasil.

Outro assunto em pauta foi a diferença entre os preços da fibra curta e da fibra longa. Fabio Schvartsman, da Klabin, disse que atualmente isso ocorre com a fibra longa, pois há preocupação com a frequência de abastecimento. “Isso ajuda a explicar o processo de substituição para fibra curta. O Brasil experimentará a oferta local no próximo ano, e a história mostra que a demanda é criada pela oferta. Na China, o fechamento de capacidade foi um fator surpreendente com sustentação dos preços. Então, espero que em 2016 tenhamos continuidade prática”, afirmou ele sobre o *startup* do Projeto Puma, que colocará 400 mil toneladas de fibra longa no mercado.

Um dia após o evento, a Fibria anunciou aumento de US\$ 20 no preço da tonelada do insumo, o quarto deste ano, em vigor desde 1.º de setembro.

se manterá acima dos 4%. Isso porque China passa por uma grande expansão de capacidade em ivoryboard, com um total de 2,9 milhões de toneladas a mais no ano de 2014.

Já a expansão de papelcartão, que finalizará sua expansão em 2015-2016, somará 1,79 milhão de toneladas. O aumento de capacidade não necessariamente representa crescimento. Ao mesmo tempo, a demanda por papelcartão não foi tão grande no restante do mundo, com apenas 5,4 milhões de toneladas em 2014.

Ainda no segmento de embalagens, o papelão ondulado também foi tema abordado durante as apresentações de mercado. Na opinião de Juan Castaneda, CEO da Smurfit Kappa The Americas, o segmento tem sofrido grande volatilidade. "O mercado de papelão ondulado carece de informação confiável na América Latina, mas a tendência em relação ao crescimento é de certa estabilidade. No passado, crescíamos 4% ao ano e hoje vivemos uma estagnação. Para os próximos anos, no entanto, o mercado deverá recuperar-se por volta de 2%", prevê o CEO.

Para que essas perspectivas se confirmem, Castaneda sugere que o mercado busque a diversificação dos produtos e aumente a produtividade. Um cenário que deve ser cada vez mais frequente também para o segmento de papelão ondulado é o de novas consolidações na América Latina. Entre os mais fortes da região destacam-se Brasil e México, com mais de 40% do total produzido.

### **Energia, infraestrutura e logística: fatores preocupantes para a América Latina**

Um dos fatores que mais influenciam o custo final da celulose é a logística. A infraestrutura brasileira enfrenta uma situação bastante desfavorável nesse aspecto. Em comparação aos países com maior extensão territorial, em que o modal ferroviário supera 50% (com exceção da Rússia, que atinge os 83%), o Brasil conta apenas com 21%.

Para Ana Paula Trilho, gerente internacional de Logística da Klabin, os recentes anúncios do governo sobre novas concessões, ultrapassando investimentos da ordem dos R\$ 198 bilhões para os próximos dois anos, trazem esperanças de melhorias para o setor.

"As novas regras nos indicam que o processo acontecerá de maneira mais rápida e simples", diz a gerente, lembrando que um projeto similar foi lançado em 2012 pelo governo, mas sem êxito.

As empresas têm de estudar todos os detalhes antes da execução das obras, incluindo a construção de trechos de rodovia e ferrovia e até mesmo de barcaças – tudo para garantir o bom desempenho da companhia. "Desde a concepção de nosso projeto, avaliamos tanto a condição do local quanto os riscos que poderiam influenciar a produção e conseguimos prever e transferir os modais. Uma vez que estamos localizados no complexo hídrico do Juquiá, o modal mais adequado foi a hidrovia", explicou Murilo Sanches, gerente de Recuperação e Utilidades da Eldorado Brasil, durante painel sobre os desafios energéticos no evento.

Paralelamente à logística, os principais *players* também estão atentos às oportunidades da atual crise energética. A indústria de celulose, por conta do bom planejamento e da busca por autossuficiência energética, pode apostar na diversificação das atividades – ou seja, vender energia se tornou bastante rentável para essas empresas.

A substituição das caldeiras a óleo por outras de biomassa foi fundamental para aproveitar os resíduos gerados no processo e ainda converter esse processo em economia para as empresas. Na Lwarcel, o que ajuda a controlar o consumo de energia é o seu sistema de gestão. "Cada quilowatt de energia que economizamos entra em nosso faturamento", destacou Cesar Anfe, gerente de Recuperação e Utilidades da Lwarcel.

Sérgio Valdir Bajay, professor doutor da Universidade de Campinas (Unicamp), também defende o controle através desse processo. "Devemos observar que a criação do sistema de gestão traz reduções significativas no primeiro ano para a fábrica. A partir do quarto e do quinto anos, conseguem-se reduções em desperdício. A partir desse momento, a economia virá pela inovação e pelas ações em eficiência energética", destaca Bajay.

"Devemos investir na cogeração de energia, pois o retorno faz parte da diversificação dos produtos e influencia no desempenho das fábricas, mas hoje os custos com energia representam uma grande ameaça, e só conseguimos eliminar com pressão no preço", disse Anfe. ■

Um dos fatores que mais influenciam o custo final da celulose é a logística. A infraestrutura brasileira enfrenta uma situação bastante desfavorável nesse aspecto